

# GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

**Director:** — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Fernando Leal, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 5

Março — 1882

1.º anno

## DR. JOSÉ JACINTHO NUNES

Não é tão facil, como, á primeira vista, parece, desenhar o perfil magestoso d'este homem imperturbavel e cheio de si — permitta-se-me a phrase.

Affirma-se geralmente que é um luctador. Podia comtudo, ser um luctador e não ser um character. Mas é, com effeito, um grande, um extraordinario character. Por isso, o considero, por isso o devemos todos considerar — um verdadeiro, um sincero e um desinteressado republicano.

Em politica ter character equivale a isto: — a ser firme nos principios, intransigente com os adversarios, irreconciliavel com inimigos. Ter character, em politica, o mesmo é que collocar a humanidade, como unico ideal, acima de todas as paixões, de todos os interesses, de todos os egoismos e de todas as ambições humanas. Ter character é fazer como Jacintho Nunes: — abraçar a justiça, defender o Direito, e pugnar pela verdade.

Foi por isso que o dissémos — cheio de si — precisamente por que tem convicções, porque não tem medo e porque faz apenas, aquillo que á sua consciencia apraz e pela consciencia lhe é ordenado.

Estou em affirmar com Zorrilla: dae-me vinte homens como este, e eu farei em curto praso a revolução em Portugal, sem o minimo abalo e sem a minima perturbação.

Perguntando-se uma vez a João

Huss, porque não tinha casado, elle respondeu firmemente que ha muito havia esposado a idéa. Jacintho Nunes não se pôde dizer que tenha fei-



DR. JOSÉ JACINTHO NUNES

to o mesmo que o celebre revolucionario, cujas cinzas foram arremessadas ao Rheno, juntamente com as de Jeronymo de Fraga, porque já uma vez casou; mas o que é certo e acima de toda a contestação é que o seu grande amor de familia em nada tem

prejudicado e em nada prejudicará a sua dedicação pelos principios, que, no seu espirito, comprehende que deve ser levada até ao sacrificio e até ao martyrologio.

Abençoados os que assim comprehendem a politica! Abençoados os que assim se dedicam á defesa das legitimas garantias populares e á sagrada reivindicção dos direitos individuaes!

\*\*\*

São ainda recentes os acontecimentos de Grandola e Setubal.

Em 1870 Jacintho Nunes propozera-se a deputado por Setubal em opposição ao actual governador civil de Lisboa. O senhor Arrobas, o pesado sustentaculo das instituições vigentes em Portugal, nunca lhe perdoou a feia e negra acção, e, por todos os santos da corte regeneradora, jurou vingarse do audacioso candidato.

Dito e feito! Jacintho Nunes obteve maioria na assembléa de Setubal. O gordo conselheiro, irritado, raivoso, colerico, conseguiu levar ao Limoeiro o candidato vencido. Foi uma refrega, que durou tres dias, e que ainda mais teve o condão de acirrar o levantado espirito d'este batalhador intrepido.

Não deu satisfações Jacintho Nunes. Não tinha que as dar. Estava ao abrigo da lei. Sabia perfeitamente o que lhe cumpria fazer. E n'este ponto elle é um invencivel. Muitas vezes as autoridades, com as suas mil perfidias, tem tentado

envolve-o em ciladas indignas, em laços armados á sua bôa fé e á sua credulidade de homem de bem; mas nunca jámais as prepotencias o venceram; nunca as arbitrariedades dos que abusam impunemente do poder o perturbaram um momento sequer. E' um invencível, repito, embora, á primeira vista, se nos afigure um ingenuo.

O heroico defensor do concelho de Grandola, encerrado no Limoeiro, não retirou uma unica cousa do que havia feito na legitima defesa das regalias populares. O seu character severo, inquebrantavel, pertinaz revelou-se então em toda a sua dignidade. Não carecendo de defesa, não a apresentou. Era de facto o mais simples. Os eleitores de Grandola comprehenderam este grande rasgo, e premiarão-lhe a dedicação sem exemplo, dando-lhe, na eleição de 1871, 1036 votos, ao passo que davam apenas 18 ao seu perseguidor politico.

Era uma lição bem applicada e era tambem um digno exemplo a seguir por todos os que sinceramente amam a justiça e respeitam a Verdade e o Direito.

\*\*\*

Tudo o que desde então se tem passado até hoje não tem sido mais do que o corollario d'este facto inicial, unico e originalissimo, que acabamos de referir.

Nas ultimas eleições de 1881 Jacintho Nunes quiz realisar os seus comicios electoraes, e a autoridade, intervindo, não lh'os consentiu. Praticava assim um acto de despotismo aviltante. Teria talvez procedido de outro modo essa autoridade insensata e desconhecedora da lei, se porventura o sr. Arrobos não fosse por essa occasião o governador civil de Lisboa. Havia porém, uma antiga divida em aberto. Era forçoso vingar os manes da Regeneração offendidos.

Jacyntho Nunes annuncia a renúção. O administrador, medroso, manda-o chamar. Sollicita primeiro da sua pessoa que não realise o *meeting*. Inventá subterfugios banaes, intriga, barafusta, torce a lei. Mas nada d'isso demoveu o austero candidato do seu firme proposito em levar por deante o comicio annuciado. Vendo que a artimanha se esgota totalmente, sem resultado provavel para a pessoa do sr. Arrobos, o administrador corrido, vexado, amesquinhado prohibe o *meeting* categoricamente.

Mas era forçoso explicar isso mesmo ao povo setubalense, que aguardava com vivo enthusiasmo a chegada do orador. Ainda n'este ponto houve por bem recalçar a inepecia

administrativa. Não conseguiu contudo, o seu intento. Jacintho Nunes rompe através a turba e explica serenamente o facto á multidão, que se accumulava e enchia a praça. As acclamações rompem então espontaneas. Vivas prolongados fizeram-se ouvir durante um longo espaço de tempo. O candidato republicano conquista n'esse dia moralmente a eleição. Os eleitores sahem-lhe ao encontro, acompanham-n'o a casa, saúdam-n'o phreneticamente. Jacintho Nunes obtivera com o seu proceder correcto, ordeiro e legal a consagração plena da victoria.

Em Grandola caso identico se repete. Os francezes mandam que se procure a mulher, afim de explicar qualquer acontecimento extraordinario. A nós basta-nos que procuremos o sr. Arrobos, e teremos tudo explicado amplamente.

E assim é que o perseguidor da *hydra*, não contente em promover a Jacintho Nunes duas querellas por artigos publicados no *Seculo*, ainda para mais quiz honrar este illustre republicano, inundando a povoação de Grandola de policia e força armada, afim de subjugar o seu impertinente, o seu implacavel inimigo com toda a casta de abuso, de arbitrariedade, de desrespeito pela lei, e de descortesia pelos estrangeiros.

Grandola encontrava-se em dezembro do anno preterito em pleno estado de sitio. Dir-se-hia que uma borda de selvagens pretendia saquear aquella exemplarissima povoação. Ao sr. Arrobos *haviám affirmado* que o presidente da camara era um *atheu*, um *irreverente*, um *nihilista*. Maldição sobre o *atheu*!... — exclamou o principesco conselheiro. E para isso nomeia se um administrador intruso, que ordena impunemente o ataque á propriedade dos cidadãos, e sequestro das suas garantias, e uma ameaça permanente á liberdade individual.

Mas tudo foi baldado. A verdade póde algumas vezes ser abalada no seu pedestal glorioso, mas nunca destruida ou aniquilada. O administrador intruso foi demittido e o sr. Arrobos ficou como sempre inferior á sua escandalosissima perseguição.

\*\*\*

Jacyntho Nunes é sobretudo um livre pensador. E' este o traço mais saliente do seu elevado character. De testa o fanatismo, odeia o jesuitismo. Sempre que haja uma reacção ou uma hypocrisia a combater o seu espirito revolta-se e a sua consciencia revela-se-lhe em toda a magnitude e em toda a nobreza.

Para elle a realzeza é um vicio ca-

tholico. Jurou-lhe de ha muito uma guerra de extermínio. Poderá morrer na estacada, mas não arredará d'ella um passo.

Para que isto se proclame afoitamente com a sinceridade com que o estamos proclamando, já é preciso muito. E' preciso tudo.

\*\*\*

Data de 1866 a sua representação na vida activa da politica. Foi n'esse anno nomeado administrador do concelho de Grandola, onde casou com uma virtuosissima e adoravel senhora, que lhe fugiu das mãos ha proximoamente dois annos. Em 1869 foi eleito vereador, e posteriormente tem sempre occupado, com irreprehensivel procedimento e paternal sollicitude, a presidencia da camara.

Seus paes eram de Pedrogam Grande, onde nasceu. A seu tio Antonio Jacintho Fernandes deveu a entrada no seminario de Coimbra, d'onde sahio para se formar em direito na Universidade.

Não sei bem se este tio o destinava á vida ecclesiastica. Creio que sim; porque do seminario lhe veio a repugnancia manifesta pelo catholicismo avariado dos nossos avós.

A leitura dos bons livros educaram-n'o na escola da verdadeira democracia. Durante o tempo universitario Jacintho Nunes lia Quinet, Guisot, Pelletan e Laurent de preferencia ao *Digesto*, que achava indigesto e ás ordenações, que encontrára sem ordem.

Foi tambem cultor assiduo da litteratura e d'elle existem varios dispersos. Debutou na *Chrysolida* de parceria com Theophilo Braga e Simões Dias. D'essa epocha até hoje tem sido collaborador e redactor de quantos jornaes republicanos se teem fundado no paiz ha doze ou quinze annos a esta parte.

Foi até, se bem me lembro, na redacção da *Democracia* que tive o prazer de lhe ser apresentado pelo meu saudoso amigo Alberto Osorio de Vasconcellos. N'essa occasião escrevia eu folhetins semanaes para aquella folha. Jacintho Nunes já era um teimoso, como agora. Fazia em toda a parte a apologia de Gambetta, o seu homem predileto, e dizia se seguidor acerrimo da sua politica a assignante da *Republique française* desde o primeiro numero.

Mais tarde, por occasião do apparcimento do *COMMERCE DE PORTUGAL*, convidei-o para ser accionista do mesmo jornal. Manifestou me porém, em resposta, que não depositava demasiada confiança n'uma folha fundada n'aquellas condições. Não me

estimulei com o seu juizo a tal respeito, e o tempo incumbiu-se de lhe dar razão.

Quando o *Seculo* estava para apparecer escrevi-lhe novamente. Disse-lhe que o nosso fim era publicar um periodico sincera e declaradamente republicano. Pelo mesmo correio respondeu-me que punha todo o seu prestimo ás nossas ordens— que podia contar com elle em tudo e para tudo.

Tem sido procurados com avidéz os seus magnificos artigos do *Seculo*. Jacintho Nunes é hoje um dos republicanos mais sympathicos ao povo portuguez. Pelo seu concurso, que tem sido valiosissimo, como todos sabem, não podemos senão manifestar-lhe aqui a immensa gratidão de que ha muito estamos possuidos para com elle. Não esqueceremos nunca os favores recebidos. E elle sabe perfeitamente que, assim como nós contamos com elle, tambem pôde contar connosco em tudo e para tudo.

Jacintho Nunes escrevia não ha muito ainda o nosso illustrado collega e amigo Gomes da Silva: — «é um luctador habil e arrojado, que defende o que ama e que se vinga dos que o illudiram.

«O seu caracter é austero e independente, o seu braço incansavel, o seu caracter amantissimo.

«Para padre faltava-lhe a fé e a hypocrisia; para advogado faltava-lhe a rhetorica; para cortesão faltava-lhe a flexibilidade.»

Tive ensejo de verificar praticamente esta asserção na heroica campanha de Lourenço Marques, campanha essencialmente patriótica, intentada pelo partido republicano contra a monarchia portugueza. Jacintho Nunes acompanhou-nos ao Porto, e presidiu ao comicio de Setubal. N'esta gloriosa batalha representou um dos papeis mais importantes.

\*\*\*

Nada mais devemos acrescentar ao que ahi fica exarado. Jacintho Nunes é um escriptor consciencioso, um propagandista de talento, um espirito elevado, isento de prejuizos e de preconceitos, e um exemplarissimo chefe de familia.

E' um luctador temivel, que lucta pela verdade e pela justiça, mas sempre ao abrigo da lei, sem declamações estereis, sem palavras ociosas e inuteis.

Sabe perfeitamente o que diz e sabe admiravelmente o que faz.

É um homem severo, um homem imperturbavel— um brilhante e activo caracter.

Jacintho Nunes symbolisa para

nós o protesto vivo da consciencia republicana contra a oppressão e o despotismo monarchico-constitucional.

Haverá por isso quem o respeite tanto como nós; mais do que nós ninguém, absolutamente ninguém!

MAGALHÃES LIMA.

REPLICA A UM CATHOLICO

Não posso convencer-te... O accordo é impossivel, Eu parto do real, tu partes do intangivel, Eu parto da razão, e tu do fanatismo. Tu affirmas que é noite o que eu digo que é dia; Tu sugestas o mundo a um certo preconceito E queres que elle saia inteiro do teu peito, Como sahia d'um cranio a pallida Minerva. Eu sou mais cauteloso, eu tenho mais reserva E marcho mais seguro em busca da verdade. Tu queres na extensão metter a immensidade, Eu faço a humensidade o termo da extensão. Tu suborcinas tudo á vaga concepção D'um Deus, que fez do nada as coisas do universo. Tu vas da lei ao facto, eu caminho ao inverso, Eu von do facto á lei, e não levo a sciencia Acima do poder da minha intelligencia, Além da qual começa o mundo do arbitrario, O deserto do ceu, sombrio e solitario, Que traz a terra envolta ha muito n'esse luto, A que se chama Deus, o sonho do absoluto. Eu não vou para além do que é verificavel, E nem sei que demonstre o que é indemonstravel, E nem sei de que sirva á causa da verdade O precuca-la em vão fóra da realidade.

Tu dizes que sem Deus não ha senso moral, Nem virtude, nem fé, nem amor, nem ideal, E dás por forte alivio á ór que nos lacera A esp'rança n'outra vida — a fé n'uma chimera! — Supponhamos, pois bem

Mas diz-me então como é Que a criminalidade augmenta com a fé, Que o amor, o bem estar, a moral e o civismo Andam na proporção inversa ao fanatismo, E que a curva geral da civilisacão Accusa em cada culto um zero de inflexão? Pois se não pôde haver moral sem divindade, Como é que o fanatismo é a immoralidade? Pois se a origem do bem está no proprio Deus, Como é que o bem augmenta á medida que os ceus Mais se afastam de nós, e a terra ocrivada, Se liberta da fé — grillete ensinacuntada? — Se toda a moral vem d'um Deus incongnoscivel, Como é que elle se deixa assinar, borrar, impasivel, Modificar no tempo e corrigir no clima, Como se modifica um ferro sob a lima, Deixando hoje ser crime o que hontem foi virtude, E sendo aqui um Deus informe, bronco e rude, Para ser mais além um sonho transparente, Uma visão febril, seu corpo, transparente? Pois a moral humana é coisa tão precaria Que ande assim á mercê da hypothese arbitraria D'um ser, que não tem forma, um ser que não é ser? Pois a verdade é o bem, o direito e o dever, Tudo o que ha de mais sadio, e forte, e progressivo, Podem lá ter por base um ponto regressivo, Da intelligencia humana aos tempos infantis Em que via na flor, nas pedras, nos reptis, No sussurro do mar, na sombra do arvoredo Tudo que nos faz ver a nervosa do medio, Os monstros do terror, os fantasmas do mal, Feitas nas estupides d'um cranio Neanderthal?

A moral, como o bem, o amor, como a verdade Não tem ponto nenhum fóra da realidade, Pois que são tudo o que ha de mais vivo e tangivel. Entre nós não ha pois um accordo possivel. Tu fechas a razão no carcere da fé, E, deixando-a sem luz de grillete ao pé, Podes-lhe então que vés, e das-te facilmente A victoria de a vér, submissa e paciente, Confessar-se vencida.

A santa theologia Pôde assim convencer o sol que não ha dia, Assim é que ella venceu, assim é que venceu A formosa Hypatia e o velho Galileu, E assim representou durante a idade media Esse infame papel, essa torpe comedia De, em nome da doutrina e em nome da clemencia, Martyrisar o bem e trucidar a sciencia!

E não me digas tu que não são solidarios Os homens e a doutrina a doutrina e os sectarios. Toda a moral christã e toda a religião Se baseiam na fé e na revelação. A verdade divina é pois indesejavel, Por isso que é divina e portanto infallivel; Quem o discute offende a propria divindade! Queima pois os atheus, estirpa a impiedade E' acção meritoria, e mesmo uma acção bella.

E, se os não queimam hoje a culpa não é d'ella, Da theologia, a qual nas lagrimas que chora Bem mostra a sóde vil do sangue que a devora! Mas tem crescido tanto a forja dos atheus Que a lei não mata já... nem pelo amor de Deus.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

INCENTIVO

Todo aquelle que por pouco que seja augmentar a somma de positividade nos escriptos, trabalha no sentido geral da civilisacão e presta um serviço social. LITRE

Convencido da veracidade de tão douto argumento, aquelle que amar o seu paiz, não deve hesitar em concorrer, ainda que com diminuto valor, para a reconstrucção do aviltado edificio social, cujo desmoronamento reclama a nossa mais incessante attenção; pois que elle, resvala n'um desfildeiro medonho! e se não houvermos um espirito forte, d'uma energia e aptidão decididas, que impulsiono o desenvolvimento da instrucção e elucide ao povo a lei das suas prerrogativas, ver-nos-hemos de chofre, immersos no agitado pelago d'uma guerra fratricida, e sem que d'ella obtenhamos sequer a gloria de continuarmos a ser — portuguezes!

—De certo que essa luta imminente ha de trazer-nos nas suas ondas de sangue, a perda da nossa nacionalidade, porque triste é dizel-o, manifestou-se por toda a parte a indolencia que é a illação do enfraquecimento da nossa vitalidade moral; e não possuimos um exercito bem disciplinado, nem um estadista de merito que dirija os interesses da nação, e de cuja iniciativa sobreviesse a persistencia da nossa autonomia! Aquelles que o acaso de nascimento, ou a veniaga collocou nas espheras da governação, são os proprios que nos impellem para a voragem, com as suas especulações ignobeis d'um vil interesse, com as suas prepotencias desbragadas. E assim destituídos, uns de conhecimentos scientificos e fanatisados pelos absurdos do fanatismo religioso, outros indifferentes a tudo quanto é elevado e digno, deixamos-nos illudir, e torturar pelos que refutam os precusores da Nova Idéa, (para manterem-se á custa da impericia do povo) e nos arrastam nos vaivens d'uma politica nefanda, que nos encaminha á perda do nosso bello Portugal. Influenciemos para que se diminua a causa, evitar-se-hão as suas consequencias funestas. Proclamem-se bem alto as vantagens da Republica, ensine-se ao povo a Lei da verdadeira moral, e quando os reflexos do luminar da sciencia tiverem reflectido n'esses cerebros dormentes,

quando ás trevas da noite succeder a brilhante aurora do raciocinio, con-jécturo que não haverá um portu-guez, que prescindia de evocar com fervor em auxilio da patria, a dilecta potencia, que diffunde luz, honra, e prosperidade sobre as nações, aos sons maviosos da *Marselheza*.

MARIA LUISA CALDAS.

COISAS DA REALLEZA

Diz a *sciencia* que o funcionario publico é pura e simplesmente um mandatario do aggregado nacional; e que n'essa qualidade deve estar subordinado ao cidadão, e tratal-o com a maxima deferencia e respeito.

Que diz no emtanto a *practica* nos estados regidos por instituições monarchicas?

Que o funcionario é o senhor, e o cidadão o serviçal; que, quem está assalariado para obedecer e servir, *ordena*, e quem paga para ser servido, *obedece*; que a liberdade está em summa na dependencia da auctori-dade.

D'onde provém esta estranha inver-são de papeis? Porque é que nos estados monarchicos quem deve mandar obedece, e quem deve obedecer manda?

A resposta á interrogação é facil.

Os chefes dos estados monarchicos não desempenham um *mandato*, exercem um *direito proprio* que o acaso do nascimento lhes dá, e se filia his-toricamente na conquista.

N'esses estados portanto o funcio-nario publico, sem embargo do rotulo, é um serviçal *exclusivo* do imperante e como tal nada tem de commum, com o povo.

É monstruoso isto? D'accordo; mas está na logica do regimen monarchico; e quem acceita o principio sujeita-se fatalmente ás consequen-cias.

Se pois querem que o funcionario publico se restrinja ao papel de *mandatario* da comunidade nacional; seja cortez e respeitoso para com o cidadão que lhe paga; e se eleve á altura d'uma garantia para a liberdade e a propriedade, firm de morte o privilegio monarchico.

Emquanto não recorrerem a este meio radical, continuará o cidadão a estar á mercê do funcionario, e será vexado, perseguido, e tratado sim-plesmente como besta de carga e materia collectavel.

É duro e inhumano isto, mas é desgraçadamente a verdade.

Coisas da realleza...

J. JACINTHO NUNES.

CHRONICA

Fez agora justamente um anno em que os republicanos portuguezes, reu-nidos n'um só interesse e n'uma só vontade, realisaram a mais nobre, a mais altiva e a mais desinteressada manifestação politica, que nos tem si-do dado presenciar e applaudir.

Lembras-te, meu amigo, dos comi-cios feitos contra o tratado de Lou-renço Marques? Que imponentes reu-niões aquellas. Que soberbas e bem applicadas lições aos que tentavam abusar da nossa credulidade, espo-liando a nação em beneficio do es-trangeiro?

O povo levantou a cabeça, e, por sua vez, impoz silencio aos traidores e ás camarilhas indignas.

Era a segunda vez que este es-pectaculo se representava em Portu-gal. Decerto te recordas do primei-ro... Convém que não esqueças estas datas, que constituem o teu livro, o grande Evangelho dos teus filhos.

O dez de junho de 1880 foi uma gloria para ti, — *Zé-povinho*. Todos te invejaram o triumpho d'esse dia. Altos personagens se arrependeram de não ir ao teu encontro, ainda que não fosse... senão por *pose*, e para attrahir a tua popularidade. Felizmente porém, a festa foi só tua, e tua ficará sendo na historia.

Ora é preciso que não durmas sobre os louros collidos. Uma vez a caminho, convém continuar o itine-rario encetado. Tres cousas unica-mente te aconselho. Se as seguires serás um bom amigo da tua patria, se as não seguires tanto peor para ti, porque ficarás sendo um eterno explorado e um eterno miseravel.

Sabes o que precisas? Sabes qual é o teu dever?

Repara:

*Acção! Acção! e mais Acção!*

São tres palavras, que correspon-dem ás tres outras palavras do gran-de poeta allemão:

*Luz! Luz! mais luz!*

E assim vencerás! e só assim con-quistarás o futuro!

\*\*\*

Sabes, meu amigo, que a monar-chia não só está exigindo de ti a tua camisa; mas ainda para mais parece disposta em reclamar tambem a tua cabeça para a submeter ao cutello do algoz — miseria.

É porventura demasiada a audacia do torpissimo bando, que todos os dias te explora e escravisa. Mas a culpa é tua, *Zé-povinho!*

Porque tens consentido até aqui este triste estado de cousas? Porque não te declaras maior? Achas que

não tens ainda a idade? A tua con-sciençia que te responda.

\*\*\*

Uma noticia:

Está querellado o *Povo de Aveiro*. O *Povo de Aveiro* é um audaz tra-balhador das idéas republicanas. Quando dá, vae direito á cabeça. Fe-re sempre. Mas os grandes da terra, não podendo vingar-se d'outro modo d'este impertinente defensor dos di-reitos populares, intentaram contra elle uma policia correccional.

Digamos com o nesso querido actor Taborda: — *já não é com essas...*

\*\*\*

Meu amigo, a chronica hoje vae sem assumpto. No momento em que escrevo estas linhas preparam-se grandes comicios contra os impostos.

Fico fazendo votos sinceros pelo bom resultado d'esses protestos, que tão necessarios se estão tornando n'esta occasião.

Bem hajam os que protestam contra as infamias da monarchia, porque os seus protestos encontrarão echo na consciencia nacional!

SILVIO.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis as-siguantes de seis numeros, rogamos a fineza de man-dar renovar as suas assi-gnaturas antes de sahir o 7.º numero, afim de não so-frerem interrupção na re-messa.

Condições da assignatura

LISBOA	
Trimestre ou 6 numeros.....	240
Semestre ou 12 numeros.....	450
PROVINCIAS E ILHAS	
Semestre ou 12 numeros.....	500
Anno ou 24 numeros.....	13000

PARA O ESTRANGEIRO	
Accresce o porte do correo	
BRAZIL	
Anno ou 24 numeros, moeda forte. 23400	
Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publica-ção 100 réis.	

As assignaturas são pagas adiantada-mente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser diri-gida ao administrador e proprietario da GA-LERIA REPUBLICANA, João José Bap-tista, kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

No proximo numero da-mos o retrato de D. Manuel Ruiz Zorrilla.